

Panel 20: Lives on Screen

1. Craig Howes, U of Hawai'i at Mānoa [craighow@hawaii.edu]

“Film Biography, Hagiography, and Gender—The Case of Biography Hawai'i”

George Custen, William H. Epstein, Dennis Bingham, and other theorists and critics of the biopic and film biography have observed that such life narratives not only serve to reinforce dominant ideologies, but through their formal qualities often assimilate or erase conscious efforts at dissent. And as Bingham notes at length, this effect is especially noticeable in film biographies of women, where the same qualities used to validate male subjects can undermine the significance of a female subject's life.

In a parallel development, Leigh Gilmore, in her recent book *Tainted Witness: Why We Doubt What Women Say About Their Lives* (Columbia UP, 2017), and Sidonie Smith, in her equally prescient “America's Exhibit A': Hillary Rodham Clinton's Living History and the Genres of Authenticity” (*ALQ* 24:3 [2012]), have discussed the strategies employed to attack the credibility, or even the right to exist, of women's life narratives or testimony that question patriarchy, institutional authority, and life writing generic conventions.

In this talk I will briefly discuss the challenges of making television documentaries about women subjects noted for the difficulties they themselves posed to dominant ideologies and institutions. More specifically, I will describe how recognizing the dangers posed by hagiography, and the resistance to hagiography, when making such documentaries can inform efforts to present detailed critiques of social, cultural, and historical conditions without necessarily undermining the integrity or reputation of the female biographical subject.

I will provide examples from *Biography Hawai'i: Harriet Bouslog* and *Biography Hawai'i: Rith Ke'elikōlani*, two installments of the television documentary series I have co-produced for the past fifteen years.

Cinebiografia, hagiografia e gênero — o caso da série televisiva Biography Hawai'i

George Custen, William H. Epstein, Dennis Bingham e outros teóricos e críticos da cinebiografia perceberam que essas narrativas de vida não só servem para reforçar ideologias dominantes, mas também, por suas qualidades formais, frequentemente assimilam ou apagam tentativas conscientes de dissensão. E, como detalha Bingham, esse efeito é especialmente notável em cinebiografias de mulheres, nas quais as mesmas qualidades usadas para validar biografados homens podem minimizar a importância da vida de uma biografada.

Paralelamente, Leigh Gilmore, em seu livro recém-publicado ‘Tainted Witness: Why We Doubt What Women Say About Their Lives’ [Testemunha corrompida: porque duvidamos do que as mulheres contam sobre as próprias vidas, em tradução livre] (Columbia UP, 2017), e Sidonie Smith, em seu igualmente previdente ‘America's Exhibit A': Hillary Rodham Clinton's Living History and the Genres of Authenticity’ [Evidência nº 1 da América: a história de vida de Hillary Rodham Clinton e os gêneros de autenticidade] (*ALQ* 24:3 [2012]), discutem as estratégias usadas para atacar a credibilidade, e até o direito de existir, das narrativas de vida e

testemunhos femininos que questionam o patriarcado, a autoridade institucional e as convenções genéricas da escrita da vida.

Nesta palestra, discutirei brevemente as dificuldades de produzir documentários televisivos sobre mulheres famosas por terem desafiado ideologias e instituições dominantes. Mais especificamente, descreverei como o reconhecimento dos perigos que acompanham a hagiografia e a resistência à hagiografia na produção desses documentários pode colocar em evidência esforços de apresentação de críticas detalhadas a condições sociais, culturais e históricas que não desgastem, necessariamente, a integridade ou reputação da biografada.

Darei exemplos de ‘Biography Hawai‘i’: Harriet Bouslog’ e ‘Biography Hawai‘i’: Rith Ke‘elikōlani’, dois episódios da série televisiva documental ‘Biography Hawai‘i’ [Biografia Havaí], que coproduzo há 15 anos.

[Traduzido por Beatriz Vital - vitalb@riseup.net]

Craig Howes is the Director of the Center for Biographical Research, a co-editor of *Biography: An Interdisciplinary Quarterly*, and Professor of English at the University of Hawai‘i at Mānoa. He is the author of *Voices of the Vietnam POWs* (Oxford 1993) the co-editor of *Teaching Life Writing Texts* (MLA 2007), and a co-producer and series scholar for the Biography Hawai‘i documentary television series. A founding member of the International Auto/Biography Association, he is the list manager for IABA-L, the major source of information about life writing conferences and publication opportunities.

2. Sergio da Silva Barcellos, Independent Scholar [barcellossergio@aol.com]

Curumin: Bíos and Thanatos in Brazilian contemporary movies

Biopics have found a promising market in Brazil. In the last twenty years, approximately fifty long feature movies were biographies of singers, actors, politicians, athletes, and musicians. The majority of the productions is canonic regarding narrative choices and depiction of their biography subject. One example seems to escape the formula and has stirred the attention and opinion of viewers, critics, and society. *Curumin* (Prado, 2016), a documentary by Marcos Prado, is a hybrid of auto/thanatography, testimonio, and biography of Marcos Archer, a middle-class Brazilian drug dealer arrested in Thailand and sent to prison in Indonesia for eleven years. During his time in jail, several attempts were made by the Brazilian government to avoid the death penalty; a sentence usually applied to cases of drug trafficking in Indonesia. In January of 2015, Archer was finally executed. The movie is a joined effort of the filmmaker and the drug dealer. With a hidden cell phone and memory cards sent to him unbeknownst by the guards, the narrative created by Archer, aka Curumin, defies strict categories of a genre in the autobiographic realm. While exposing the life behind bars, Archer examines himself and his life and believes he will be pardon. A movie diary? An auto/thanatography, in the sense that Susanna Egan understands it as a narrative that “focus[es] on illness, pain, and imminent death as crucial to the process of that life” (Egan, 1999, p.224)? Or a cautionary tale despite the unexpected outcome? This paper will reflect on the biographic temptation in Brazilian movie industry and the particulars of *Curumin*, as a paradox of this trend.

O Brasil tem se mostrado um mercado promissor para cinebiografias. Nos últimos vinte anos, dentre todos os filmes produzidos, aproximadamente cinquenta são cinebiografias de cantores, atores, políticos, atletas e músicos. A maioria das produções apresentam uma narrativa canônica em relação às escolhas narrativas e a representação dos biografados.

Um exemplo parece desviar-se da fórmula e, por isso, causou reações controversas entre espectadores, críticos de cinema e sociedade em geral. *Curumim* (Prado, 2016), um (auto)documentário dirigido por Marcos Prado, pode ser considerado um híbrido de autotanatografia, testemunho e biografia de Marcos Archer, um cidadão brasileiro preso na Tailândia por tráfico de drogas e enviado a uma prisão nas Indonésia, onde permaneceu por onze anos, condenado à pena de morte. Durante sua temporada na prisão, várias tentativas foram feitas pelo governo brasileiro para evitar a sentença máxima, que normalmente é aplicada em casos de tráfico de drogas naquele país. Em janeiro de 2015, Archer foi finalmente executado pela justiça local.

O filme é um esforço conjunto do diretor Marcos Prado e de Marcos Archer. Com um celular escondido e cartões de memória enviados pelo diretor, a narrativa criada por Archer, também conhecido como *Curumim*, desafia as categorias estritas de um gênero pertencente ao domínio do autobiográfico. Enquanto expõe a vida atrás das grades, Archer analisa sua vida e a si mesmo, além de acreditar que será perdoado pela justiça.

Trata-se de uma filme-diário? Uma autotanatografia, no sentido entendido por Susanna Egan, como uma narrativa que “ênfatisa a doença, a dor e uma morte iminente como fato crucial para o processo de uma vida” (Egan, 1999, p.224)? Ou uma história moralizante, apesar do desfecho (in)esperado? Este trabalho refletirá sobre a tentação biográfica na indústria cinematográfica brasileira e, em particular, no filme *Curumim*, como um paradoxo dessa tendência.

Sergio Barcellos é um pesquisador independente. Concluiu seu doutorado em Estudos de Literatura Brasileira em 2009, pela PUC-Rio, com o tema “Escritas do eu, refugio do outro: Identidade e Alteridade na escrita diarística”. De 2011 a 2013, realizou pesquisa de pós-doutorado com o tema “Tempo, Memória e Escrita Diarística”, com bolsa concedida pela Fundação Capes, com supervisão de G. Thomas Couser. Publicou *Toque de Silêncio – uma história de homossexualidade na Marinha do Brasil* (Geração Editorial, 1997), *Armadilhas para a narrativa* (Velocípede, 2006) e *Vida por escrito – Guia do acervo de Carolina Maria de Jesus* (Bertolucci, 2015), além de diversos artigos acadêmicos sobre o tema Diários e Escritas Auto-biográficas. Suas pesquisas mais recentes incluem o tema Arquivos Auto-biográficos e Escrita diarística e Memória.

Sergio Barcellos is an independent scholar from Brazil. He received his Ph.D. degree in Brazilian Literary Studies in 2009, from the Pontifical Catholic University of Rio de Janeiro (PUC-Rio), with the subject of “Otherness and Identity in diary writing.” From 2011 to 2013, he conducted a post-doctoral research at Hofstra University with the topic of “Time, Memory and Diary Writing”, with grant from the Ministry of Education of Brazil and supervision of G. Thomas Couser. His publications include *Toque de Silêncio – uma história de homossexualidade*

na Marinha do Brasil (Geração Editorial, 1997), *Armadilhas para a narrativa* (Velocípede, 2006) and *Vida por escrito – Guia do acervo de Carolina Maria de Jesus* (Bertolucci, 2015), among several academic essays on the topic of Diary and Auto/biographic writings. His current research interests include Auto/biography Archives and Diary Writing and Memory.

3. Dana Kathryn Gill, York U [dana1980@yorku.ca]

Movie Talk: Affective Impressions of Celebrity Interviews on the Cinematic Experience

In her 1992 account of the genre *Life Writing*, Marlene Kadar suggests that writing is personal, even if it is not autobiographical; a writer will leave behind hints of themselves in the piece no matter their intention. The same can be said about film. This paper is interested in interrogating the relationship between celebrity and film reception. Looking closely at the impact of celebrity interviews in the affective understanding of film, this paper will examine the ways in which personal narratives interact with the marketing production of horror films. How might these stories aid in the production of empathy, sympathy, or compassion in relation to the violent narratives on screen? Within the context of film, the autobiographical elements are scattered across those who conceptualized, produced, directed, edited, and acted in the finished product we see on screen. Auteur theory has traced the connection between directors and writers of films to their overall reception and perception. As well, the connection of celebrity to the success of a film is mostly conceptualized within the financial success of the feature. This paper explores instead the connection of the actors in the writing of the films' story. The experience of actors is often highlighted during promotional interviews before and after the release of the film. These interviews are highly structured based on how the production team has designed the ways in which the film should be marketed. However, oftentimes these interviews reveal personal connections to the finished screen product that resonate within the experiences of those who see the film. This paper questions the compelling nature of these narratives. Further, how are the personal narratives upheld by celebrity important in not only the selling of the film and the creation of a fan culture – but also become inseparable from our ability to read the film?

Papo de cinema: impressões afetivas das entrevistas de celebridades na experiência cinematográfica

Em 1992, ao descrever o gênero textual da escrita da vida, Marlene Kadar sugeriu que a escrita é pessoal, mesmo que não seja autobiográfica; um escritor deixa pistas de si no texto, seja qual for sua intenção. O mesmo pode ser dito do cinema. Este artigo pretende interrogar a relação entre as celebridades e a recepção dos filmes. Ao estudar de perto o impacto das entrevistas de celebridades na compreensão afetiva de um filme, este artigo examina as maneiras em que as narrativas pessoais interagem com o marketing de filmes de terror. Como essas histórias podem ajudar a produzir empatia, simpatia ou compaixão em relação com as narrativas violentas exibidas na telona? No contexto do cinema, a contribuição de elementos autobiográficos é distribuída entre aqueles que imaginaram, produziram, dirigiram, editaram e atuaram no produto final ao qual assistimos. A teoria autoral já relacionou diretores e roteiristas à recepção e percepção dos filmes, e a ligação entre a fama e o sucesso de um filme já é conceitualizada, principalmente, de acordo com o sucesso financeiro obtido. Este artigo explora, por outro lado, a

conexão entre atores e roteiro. Muitas vezes, a experiência dos atores ganha destaque nas entrevistas promocionais realizadas antes e depois do lançamento de um filme. Essas entrevistas são muito bem estruturadas com base no plano de marketing traçado pela equipe de produção, mas não raro revelam relações pessoais entre os entrevistados e o produto final que nos é apresentado, relações essas que adquirem significado para a plateia. Este artigo investiga a natureza sedutora dessas narrativas, sua importância para a promoção do filme e para a conquista de fãs e a maneira como se tornam inseparáveis da nossa capacidade de interpretação.

[Traduzido por Beatriz Vital - vitalb@riseup.net]

Dana Kathryn Gill is a PhD student at York University. She is also a photographer and visual artist. Her work deals primarily with gendered representation in horror film.